

Espaço aberto



*3 MAI 1989

O papel de Sarney

JOSÉ NÉUMANNE

Contados os votos do primeiro turno da convenção nacional do PMDB, delegados e observadores (parciais ou imparciais) se depararam com uma surpresa: o candidato ungi-do pelo Palácio do Planalto, o ministro Íris Rezende, não apenas não chegara na frente, como nem mesmo conseguira disputar o segundo turno com o vencedor. Todos esperavam o crescimento da candidatura rebelde do governador da Bahia, Waldir Pires, até porque nela foram descarregados muitos votos quercistas de governadores inconformados com a teimosia de Ulysses Guimarães em permanecer candidato. Mas poucos contavam com uma disputa entre Ulysses e Waldir no segundo turno.

A disputa, que terminou não havendo, trouxe, então, a lição inicial das muitas que a eleição presidencial de novembro dará a participantes e analistas: na ciência inerata da política, a profecia é um risco assumido apenas pelos irresponsáveis. Às vésperas da convenção, só se falava em implosão do PMDB. No entanto, o resultado mais visível da reunião em Brasília foi a união, não nas bases, mas, pelo menos, na cúpula. Durante a convenção, a desunião dos ulyssistas-progressistas animou os moderados ligados ao Palácio do Planalto. No entanto, Íris Rezende amargou um distante terceiro lugar e teve de descarregar seus votos em Ulysses, para evitar o que o presidente José Sarney



considerava o pior: a vitória de Waldir.

No fim de semana, circulou em Brasília o boato de que a surpreendente colocação do candidato do governo deveu-se a uma manobra de traição arquitetada no Palácio do Planalto pelo presidente José Sarney e realizada pelo ministro das Comunicações Antônio Carlos Magalhães. A hipótese poderia comprometer definitivamente a demonstração de que os convencionais nacionais do PMDB quiseram ficar longe da imagem fisiológica adquirida pelo partido nos quatro anos de existência da Nova República fundada por Tancredo Neves. Falta-lhe, contudo, lógica e, mais do que isso, ela é desprovida de qualquer apoio na realidade dos fatos.

Os interlocutores do presidente no fim de semana dão conta de sua surpresa com o resultado do primeiro turno da convenção, no sábado. Ninguém esperava o terceiro lugar de Íris, muito menos Sarney, muito embora pelo menos um governador tenha definido o comportamento do presidente em relação à convenção como de "completo alheamento". Coerente com tal alheamento, o presidente tentou ficar de fora da decisão de apoiar Ulysses ou Waldir no turno definitivo. Se Antônio Carlos Magalhães teve alguma participação na convenção, foi a de fazer parte do grupo que convenceu Sarney a mandar seus aliados votar em Ulysses, sob o pretexto de que a campanha do governador da Bahia seria fundamentalmente apoiada na crítica frontal ao governo federal, enquanto o veterano comandante do PMDB teria, no mínimo, alguns constrangimentos para adotar tal atitude.

Apesar de demonstrar exce-

lente estado de saúde no fim de semana, passado na chácara de seu amigo Paulo Tarso Flecha de Lima, o convalescente Antônio Carlos não teve a influência comentada nas rodas formadas por jornalistas e peemedebistas nos bares de Brasília, sábado e domingo. A convenção passou ao largo do Ministério das Comunicações e, se aportou na Bahia como Thomé de Souza, não o fez por seu timão, mas pelo leme de seus maiores adversários. Waldir Pires teve atuação decisiva, do lado esquerdo, e, do direito, o naufrágio governista foi capitaneado por Carlos Sant'Anna, nem aliado nem inimigo, e Prisco Vianna, que goza junto ao ministro de prestígio semelhante ao do governador.

O papel de Sarney na convenção nacional do PMDB não foi de protagonista, como pretendem seus áulicos, que fizeram circular o boato da traição como consolo pela derrota humilhante, ou os adversários do PMDB, inconformados com a decisão do partido de, pelo menos ao longo da campanha presidencial, desertar da armada do fisiologismo militante. Como definiu aquele governador já citado neste artigo, Sarney foi, mais do que tudo, um espectador, interessado, pode ser, mas alheio à autoria do texto e à encenação do espetáculo. O presidente da República está afastado da produção do show desde a convenção de 12 de março. Como disse outro governador, antes de embarcar de volta para casa, no domingo, "o fundamental para o PMDB, nas duas convenções nacionais, era se livrar do laço que unia o partido ao governo Sarney. Nesse sentido, ninguém pode negar a competência do partido".

José Nêumann é editor de Política do Estado.